

LESLIE WOLFE

**A RAPARIGA  
FATAL**

Tradução de  
Carla Ribeiro

alma  
dos  
livros

# 1

## LEVADA

**V**iu-a do outro lado da rua a sair da cafetaria. Era bonita, aquela. Os longos cabelos castanhos ondulados enrolavam-se e saltitavam em espessas madeixas sedosas à volta dos seus ombros, dançando a cada passo que dava. O seu sorriso era deslumbrante mesmo à distância e tinha os olhos semicerrados, como acontece quando o riso lhes toca e lhes confere um brilho de felicidade.

Lambeu os lábios e engoliu em seco. Em breve, aqueles olhos estariam a olhar para ele. Sentiu um espasmo abaixo da cintura e um sorriso retorcido curvou-lhe o canto da boca.

A mulher parou mesmo à porta da cafetaria e virou-se para olhar para o homem que segurara a porta para ela. Então, estendeu a mão e pegou na dele, entrelaçando os dedos de ambos, e o seu sorriso aumentou. O homem inclinou-se para a frente e beijou-a nos lábios, demorando-se um pouco, depois virou costas e desapareceu rapidamente ao virar da esquina. Ela abriu a bolsa, seguindo-o ainda com o olhar à medida que desaparecia, e tirou as chaves do carro.

Era a sua deixa. Hora de avançar.

Passou as palmas das mãos suadas pelo cabelo louro a escassear e ajeitou-o, ainda que não houvesse muito a fazer com as poucas madeixas que lhe restavam, empurradas para trás por uma linha

capilar que recuava agressivamente. Endireitou-se e ajustou o nó da gravata, abotoando depois o casaco. Examinou o seu reflexo no vidro fumado do carro e viu um homem moderadamente atraente, vestido de forma profissional, com um aspeto adequado ao papel que estava prestes a desempenhar.

Atravessou rapidamente a rua e alcançou-a quando estava prestes a sentar-se ao volante. Atrasou a chegada o suficiente para lhe dar tempo de se sentar, mas agarrou o caixilho da porta antes que ela pudesse fechá-la.

– Doutora Katherine Nelson? – perguntou, mostrando uma carteira com a sua identificação falsa da polícia.

A jovem não se deu ao trabalho de verificar as suas credenciais. Nunca o faziam. Mas, mesmo que verificasse, a falsificação que trazia era bastante boa; provavelmente podia passar por verdadeira junto da maioria dos civis ignorantes. Pagara bom dinheiro por ela e valia até ao último cêntimo. Tornava as coisas muito mais fáceis. Já não precisava de andar a rondar nas sombras, preocupado em abafar-lhes os gritos e em ser pontapeado, mordido e arranhado. Podia sair e fazer o trabalho em plena luz do dia.

– Sim, sou eu – respondeu a jovem, com a voz a tremer um pouco.

– Receio ter más notícias para si. O seu marido, ele...

– O que aconteceu? O que se passa? – quase gritou ela, o pânico a instilar-lhe na voz um tom cristalino e agudo.

Nem sequer precisava de ser criativo. Fosse como fosse, nunca o deixavam acabar a maldita frase.

– É melhor vir comigo, Doutora Nelson. É mais rápido assim.

Ela pegou na bolsa e fechou a porta do carro, marchando rapidamente atrás dele enquanto atravessava a rua e se dirigia para o seu carro. O som rítmico dos saltos dela a bater no asfalto fazia com que ele não precisasse de olhar por cima do ombro para se certificar de que continuava a segui-lo.

Conduziu-a a um *Crown Victoria* preto descaracterizado que comprara num leilão da polícia há alguns anos e abriu-lhe a porta. Depois, sentou-se ao volante e meteu a chave na ignição.

– Por favor – pediu Katherine, virando-se para ele –, diga-me o que aconteceu ao Craig. Ele está bem?

Ele meteu a mão ao bolso e tirou uma seringa, removendo rapidamente a tampa. Ela fitou-o com um olhar espantado, empalidecendo, vacilando. Chegou-se o mais para trás que pôde, tateando desesperadamente em busca do puxador, mas incapaz de desviar os olhos da agulha que se aproximava. Abriu a boca, mas não saiu nenhum som.

– O seu marido está num mundo de sarilhos, Doutora Nelson. – Agarrou-lhe o ombro com força e cravou-lhe a agulha na lateral do pescoço, pressionando rapidamente o êmbolo antes que ela pudesse reagir. – Sabe, é que a adúltera da mulher dele foi raptada hoje.

## 2

### SALA DE ESPERA

**O**s três homens conheciam-se bem, mas mal trocavam olhares. De vez em quando, murmuravam uma ou outra palavra em surdina, quase num sussurro, embora mais ninguém pudesse ouvi-los falar. Fora isso, esperavam.

As salas de espera dos hospitais são todas iguais, não importa onde fiquem. Luzes fluorescentes, com tons indecisos de púrpura-azulada, e o incessante zumbido das lâmpadas montadas no teto. Uma máquina de venda automática, também a zumbir de vez em quando, com a típica gama de comida de plástico, rica em químicos e calorias inúteis. Algumas cadeiras amplas de tecido verde desbotado e uma televisão montada na parede, sem som.

Pelo menos tinham privacidade.

Os hospitais tendem a ser atenciosos com as forças da autoridade, provavelmente devido à atividade recorrente que a profissão tende a proporcionar. Formam-se relações passageiras, ou até mesmo duradouras, entre oficiais, agentes e seus familiares de um lado e enfermeiras e médicos do outro. Infelizmente, os seus caminhos cruzam-se com demasiada frequência. No caso deles, a pequena sala de espera privada era o mínimo que o hospital podia fazer.

Há já algum tempo que os três homens estavam à espera – algumas horas. Nem uma palavra.

O agente especial responsável Alan Pearson do FBI tinha afrouxado dois ou três centímetros o nó da gravata e cruzado os braços sobre o peito. Isso fora há mais de uma hora. Não se mexera desde então, embora estivesse um pouco irritado com a inquietude do detetive Todd Fradella, do Gabinete do Xerife do Condado de Palm Beach. O jovem detetive era incapaz de estar quieto; andava de um lado para o outro como um animal enjaulado, passando irritantemente as mãos pelo cabelo à altura dos ombros e parando aleatoriamente em frente à janela, como se realmente fosse possível ver algo de interesse através dela ao sol do fim da tarde.

Quanto ao detetive Gary Michowsky, também não se mexia muito; mas os seus lábios sim. Estava sentado na mesma cadeira, com as mãos bem apertadas no colo, e olhava para o vazio. Cerrava espasmodicamente os maxilares e estava constantemente a morder os lábios, roendo-lhes furiosamente a parte interna. Tentava manter-se calmo e silencioso, mas a sua angústia era evidente.

Fradella parou à frente de Pearson e enfiou as mãos nos bolsos das calças de ganga.

– Está a demorar algum tempo – disse ele, quebrando o silêncio tenso.

Os dois homens fitaram-no com desaprovação.

– Espero que ela esteja bem – continuou ele, quase apoloético.  
– Quero dizer, quando demora tanto tempo...

– Cala-te, Fradella – disparou Michowsky.

Pearson descruzou os braços e suspirou.

– Vá lá, pessoal, tenham calma – disse, olhando para Michowsky.

Michowsky remexeu-se na cadeira. Depois, olhou para o chão brilhante, seguindo o desenho aleatório dos mosaicos de cimento.

– A culpa é minha – murmurou eventualmente. – Tudo isto. A culpa é minha.

Pearson franziu o sobrolho e Fradella voltou-se para olhar para o parceiro.

– Como foi que chegou a essa conclusão? – perguntou Pearson.

Michowsky manteve-se em silêncio, mordendo um pouco mais os lábios.

– Foi *voce* que a esfaqueou? – insistiu Pearson. – Foi, detetive? Ou foi um psicopata que vocês os dois acabaram por mandar para a morgue?

Michowsky lançou a Pearson um olhar zangado. Depois, baixou novamente os olhos. Não havia nada a dizer e não queria o consolo de nenhum deles.

– Quando isto acabar – prosseguiu Pearson, inabalável, fazendo um gesto com a mão –, vou precisar de um depoimento vosso. Sei que foi um tiro limpo, mas ela está sob uma avaliação inter...

Michowsky olhou de novo para Pearson, com a mesma brevidade, interrompendo-o.

– Sim, já ouvi falar sobre esse disparate. Dou-lhe o meu depoimento quando quiser. Foi *mesmo* um bom tiro.

A porta abriu-se e um homem alto de bata cirúrgica entrou. Os três homens reuniram-se à volta dele, todos a falar ao mesmo tempo, a fazer a mesma pergunta, mas com palavras diferentes.

O médico ergueu as mãos num gesto apaziguador.

– Olá, sou o Doutor DePaolo. Já nos encontrámos antes, acho eu – disse ele, cruzando olhares com Pearson e depois com Michowsky. – Ela é forte e é uma lutadora; tem boas hipóteses de recuperar totalmente – acrescentou, sorrindo de forma encorajadora enquanto limpava a testa com a manga. Minúsculas gotas de suor tinham-se aí acumulado e a orla da sua touca cirúrgica estava húmida.

– Esteve difícil durante algum tempo – prosseguiu –, mas acredito que vai safar-se. As próximas horas ainda são críticas. Ela esperou demasiado tempo. – Pigarreou, continuando depois num tom severo. – A seringa hemostática destina-se a travar a hemorragia enquanto a ajuda está a caminho, agentes. Não podem ser esfaqueados, usar uma seringa hemostática, ligar a ferida com um penso e voltar ao trabalho como se nada tivesse acontecido.

Os três homens entreolharam-se. Depois, baixaram os olhos, um a um.

– Perdeu muito sangue – continuou o Dr. DePaolo. – Está nos Cuidados Intensivos e ainda está sedada. Mostro-vos onde fica, se me acompanharem.

Percorreu vigorosa e silenciosamente os corredores intermináveis, conduzindo-os depois a um quarto numa zona restrita do piso.

O quarto tinha uma parede de vidro e uma porta de correr também de vidro. Lá dentro, rodeada de pilhas de equipamento a apitar e de ecrãs digitais, uma figura minúscula jazia imóvel na cama.

Tess parecia magra e pálida contra os lençóis brancos; Gary quase não a reconheceu. Ao seu lado, uma enfermeira recolhia leituras das máquinas e tomava notas numa ficha.

Pearson franziu o sobrolho e bateu suavemente no vidro. A enfermeira abriu silenciosamente a porta.

– Porque está ela amarrada, enfermeira... Henderson? – perguntou ele num tom brusco, lendo o nome na placa de identificação que ela usava.

Gary não reparara nas amarras, mas, agora que Pearson as referira, franziu também o sobrolho. Tinha os pulsos atados às grades da cama e estava constantemente a abanar a cabeça, lentamente, sem abrir os olhos, gemendo.

– Está muito inquieta, apesar de estar fortemente sedada. Não podemos correr o risco de ela se mexer demasiado e romper as suturas.

– Vou pôr um agente fardado à porta – disse Fradella. – Por via das dúvidas.

Gary não tinha as mesmas dúvidas, mas não achou que fosse necessário discordar. Afinal, era Tess Winnett quem estava ali dentro a lutar pela vida.

– São da família? – perguntou a enfermeira.

– Família do trabalho – respondeu Michowsky, recebendo um olhar curioso de Pearson. – Porquê? É preciso alguma coisa?

– Ela está preocupada com o gato. Está constantemente a murmurar qualquer coisa, não consigo perceber o quê, mas tem a ver com um gato. Podem mandar alguém a casa dela para verificar se o gato está bem? Talvez então ela consiga dormir melhor.

Gary olhou para Tess, desconcertado por alguns segundos. Gostava de lhe poder perguntar do que precisava. A polícia tinha virado o seu apartamento do avesso e ele também lá estivera; ainda era um local do crime ativo. Ninguém mencionara um gato e não se lembrava de ter visto tigelas para a comida nem brinquedos para gato em lado nenhum.

Então lembrou-se de outra coisa.

– Acho que sei do que se trata – disse, pegando no telemóvel.

Ligou para o 118 e pediu a informação.

– Preciso do número de um tal Media Luna Bar and Grill, ou algo parecido. Sim, em Palm Beach. Sim, faça a ligação; eu espero.

Passados alguns segundos, Michowsky voltou a romper o silêncio.

– Sim, hum, olá, Cat<sup>1</sup>, talvez queira saber que a Tess está no hospital. – Parou de falar por uma fração de segundo, depois prosseguiu.

– Hospital Universitário de Miami, terceiro andar, quarto 3104.

A chamada terminou sem quaisquer palavras adicionais. Michowsky esperara algumas perguntas, mas nenhuma surgiu. Tanto melhor. Sentia-se exausto, a exaustão resultante de experimentar algum alívio após um longo período de tensão.

A enfermeira sorriu e esboçou um aceno de agradecimento silencioso na sua direção. Gary sentou-se numa cadeira de vinil do outro lado do corredor e soltou um longo suspiro.

– Vai demorar algum tempo até ela acordar – disse a enfermeira.

– Porque não vão para casa? Posso ligar-vos quando ela acordar.

– Eu não vou a lado nenhum – respondeu Michowsky, retomando a sua postura anterior, de mãos firmemente apertadas no colo e ombros curvados para a frente. Pearson acenou e fez o mesmo, deixando uma cadeira vazia entre eles e ocupando a seguinte. Fradella retomou o seu deambular, incluindo as paragens ocasionais frente a uma janela ali perto, agora completamente engolida pelas trevas.

Passados poucos minutos, chegou um agente fardado, que cumprimentou discretamente Fradella e Michowsky e puxou uma cadeira mesmo ao lado da porta de Tess. A enfermeira franziu o sobrolho ao vê-lo ali sentado, mas deixou-se absorver pelo seu trabalho e a sua expressão de desagrado desapareceu.

O toque do telemóvel de Michowsky fez arquear sobrancelhas desaprovadoras por todo o corredor, incluindo as de quem por ali passava. Atendeu imediatamente a chamada, disparando olhares apoloéticos em todas as direções. Passado um minuto, levantou-se, pronto a sair.

---

<sup>1</sup> «Gato», em inglês. (*N. da T.*)

– Fradella, tenho de ir. Encontraram a Lisa Trask, a desaparecida da semana passada. Está morta há pelo menos um dia. Tu ficas aqui; eu faço isto sozinho. Liga-me assim que a Tess acordar.

– Certo. Onde encontraram o corpo?

– Não vais acreditar nisto... no seu próprio jardim das traseiras.

Esboçou um aceno na direção de Pearson e saiu à pressa, sem reparar na expressão preocupada que surgira no rosto daquele assim que ele mencionara onde o corpo tinha sido encontrado.

### 3

## LOCAL DO CRIME

**M**ichowsky demorou quase uma hora a chegar ao local do crime; o trânsito ainda estava intenso, apesar do anoitecer precoce daquele dia de inverno no sul da Florida.

O inverno na Florida... que perfeito contrassenso. Não tinha nada de invernal, além dos dias mais curtos e noites mais longas, temperaturas agradáveis e muitos mais turistas, os suficientes para tornar as estradas inutilizáveis durante alguns meses por ano.

Quando chegou a casa dos Trask, a rua estava repleta de veículos de emergência com as luzes ligadas e a área em torno da casa estava isolada com fita amarela. Os vizinhos amontoavam-se em pequenos grupos, falando incessantemente, com a preocupação e a curiosidade estampadas nos rostos. Nada agita mais um bairro tranquilo e suburbano do que um cadáver encontrado no jardim de alguém.

Michowsky reconheceu a carrinha do médico-legista.

– Boa – murmurou, satisfeito por não ter de esperar pela chegada do Dr. Rizza.

Mostrou o distintivo ao jovem agente fardado que mantinha os mirones afastados e entrou no jardim das traseiras, seguindo o rasto dos técnicos da Unidade de Locais de Crime que corriam de um lado para o outro entre a sua carrinha e a localização do corpo.

O jardim estava inundado de luz, vinda de vários projetores de halogéneo portáteis. Correu para a outra ponta do jardim, onde os

técnicos tinham removido uma parte dos arbustos que assinalavam a orla da propriedade para facilitar o acesso.

Estava deitada no chão, nua, como se estivesse à espera de alguém. O seu belo rosto, sereno e imóvel, estava apoiado no braço fletido. Os seus longos e voluptuosos cabelos cobriam-na parcialmente, ondulando suavemente à brisa do entardecer. O braço esquerdo estava em posição relaxada e tinha as pernas direitas, cruzadas nos tornozelos. Tinha os olhos semicerrados e o laivo de um sorriso pairava nos seus lábios pálidos, como que a acolher um amante invisível. Apesar da palidez mortal e do tom azulado da sua pele, quase parecia viva. Estava tudo no posicionamento.

– Parece viva, não parece? – perguntou o Dr. Rizza, tocando no ombro de Michowsky.

– Pois – respondeu este. – É quase como se estivesse...

– Na cama, à espera do amante? – completou o Dr. Rizza. Um laivo de tristeza tingiu-lhe a voz.

– Pois – repetiu Michowsky, passando a mão pela parte de trás do pescoço. – Algumas conclusões preliminares?

– Tenho algumas – respondeu o Dr. Rizza, indicando aos assistentes que começassem a preparar a maca e o saco para cadáveres. – Está morta há cerca de trinta horas. A causa preliminar é estrangulamento. Vê as petéquias aqui, e aqui, à volta dos olhos?

– Ahã – assentiu Michowsky. – O que foi que ele usou?

– Suponho que algum tipo de corda. Encontrei algumas fibras nas abrasões da garganta. Vou procurar vestígios e ADN.

Michowsky tomou algumas notas num pequeno bloco.

– Vou mandar alguns agentes fardados procurar esse pedaço de corda. Talvez tenhamos sorte... Caixotes do lixo, arbustos. – Pigarreou baixinho. – Foi violada?

– Terá de aguardar pelos resultados da autópsia, mas, se tivesse de arriscar um palpite, diria que sim.

Michowsky arqueou as sobrancelhas. O Dr. Rizza raramente arriscava qualquer tipo de palpite. Orgulhava-se da sua rigorosa fidelidade aos factos científicos. «Observação, não especulação», gostava ele de dizer.

– Vê estas marcas de contenção nos tornozelos? – Agachou-se junto à vítima e apontou-lhe para os pés. – As abrasões são mais

pronunciadas aqui, na parte interior dos tornozelos, e nos tendões de Aquiles, o que é consistente com as suas pernas terem sido amarradas abertas. Este tipo de marca de contenção é comum em vítimas de agressões sexuais. Saberei mais dentro de algumas horas.

– Certo. Obrigado, Doutor.

– Ainda não acabei – respondeu o Dr. Rizza, erguendo-se com um gemido. – Este não é o seu local do crime primário.

– Não pensei que fosse – confirmou Michowsky.

– Foi deslocada, algumas horas após ter sido morta. Tem *livor mortis* nos seios, na face interna dos braços, no abdómen e nos pés.

– Hum... isso não faz sentido – observou Michowsky, falando mais para si mesmo.

– Faz, sim, se a visualizar dobrada sobre uma mesa ou cama alta, com os tornozelos amarrados aos pés da estrutura e os pulsos atados à frente. Depois de morrer, foi deixada nessa posição durante pelo menos três ou quatro horas, a julgar pelos níveis de lividez instalada. O sangue acumulou-se nas zonas que estavam em contacto com superfícies de apoio: pés, braços, peito e abdómen. Depois, foi mudada para esta posição que vemos aqui, antes de o *rigor mortis* se ter instalado por completo.

– Está a dizer que ela foi largada aqui quando estava quase em *rigor*? Tem a certeza?

– Muita – respondeu o Dr. Rizza, suspirando e lançando a Michowsky um olhar quase ofendido. – Não há absolutamente nenhum indício de atividade de insetos e não tem areia nem pó pousados na pele. Não está aqui há muito tempo.

– É corajoso – observou Michowsky, apontando a lanterna para a densa floresta que se estendia atrás da linha da propriedade dos Trask. – O que há por ali?

AJ, o assistente do Dr. Rizza, aproximou-se de *smartphone* na mão e mostrou o ecrã aos dois homens. Viram uma imagem de satélite da área, com um pequeno ponto azul a assinalar a sua posição, à beira do jardim da casa.

– Nada a não ser esta área de bosque até à estrada que fica por trás. Nem sequer é assim tão longe; talvez uns trinta metros em

linha reta até à estrada – explicou AJ. – Suponho que terá vindo por ali, não pela rua.

– Não suponhas, AJ – repreendeu-o o Dr. Rizza num tom paternal. – Não é isso que fazemos.

AJ deixou cair os ombros.

– Desculpe, doutor.

– Mas talvez tenhas razão – disse Michowsky. – É o caminho lógico para chegar aqui sem ser visto, principalmente a transportar um cadáver. Não se pode simplesmente encostar o carro ao lancil e entrar no jardim das traseiras pelo caminho cheio de luzes com sensores e à vista de toda a vizinhança, não é verdade? Nem sequer é assim tão tarde. Ainda há pessoas a ir e vir. – Esticou um pouco as costas. – Vou preparar uma equipa de busca; temos de examinar cada centímetro daquele pedaço de bosque.

– Ainda não acabei, Gary – interveio o Dr. Rizza. – Vê esta aliança? Fica-lhe um pouco larga no dedo e é mais fina do que a marca do bronzado. Pergunte ao marido se era dela; eu cá acho que não. Seja como for, vou procurar vestígios e impressões digitais.

Removeu cuidadosamente o anel e pô-lo num saco para provas, selando-o e assinando o selo. Michowsky tirou uma foto ao anel com o telemóvel. Depois, o Dr. Rizza juntou o saco a todas as outras provas no contentor de recolha.

Michowsky coçou a testa franzida, passando depois a mão pelo cabelo à escovinha.

– Porquê trazê-la para aqui, doutor? Porquê correr esse risco? Está desaparecida há uma semana; é o último local onde alguém teria procurado.

O Dr. Rizza suspirou e a tristeza tocou-lhe o olhar.

– Não posso responder a isso por si, Gary, mas conheço alguém que pode. Se não hoje, então em breve. O Fradella disse-me que ela saiu da cirurgia há um par de horas. Como está a Tess? Viu-a?

– Sim, por uma janela. Está... – Falhou-lhe a voz.

– Vai ficar bem – disse o Dr. Rizza. – É o que me dizem. O Fradella tem estado a atualizar-me de hora a hora.

Michowsky ficou por alguns segundos a ver AJ a preparar o saco para cadáveres e o Dr. Rizza a guardar os seus utensílios.

– Onde anda a Buchanan, sabe? – perguntou por fim.

– Quem?

– A Gloria Buchanan, a detetive do departamento de pessoas desaparecidas que tratou do desaparecimento da Lisa Trask.

– Ah... – respondeu o Dr. Rizza. – Peço desculpa. Sabe, no meu ramo cruzo-me principalmente com detetives dos homicídios. Acho que está ali, a falar com o senhor Trask.

Michowsky virou-se e localizou Buchanan. Estava junto à porta das traseiras da casa, voltada para um jovem com um bebé nos braços. O menino, alheio a tudo o que se passava, estendeu alegremente as mãos para o cabelo do pai, agarrando punhados e puxando.

Aproximou-se deles e apresentou-se.

– Senhor Trask, sou o detetive Gary Michowsky, dos homicídios. As minhas condolências pela sua perda.

O homem apertou a mão de Michowsky. Tinha os olhos vermelhos e inchados.

– Ramos – disse ele. – Enrique Ramos. A minha mulher manteve o apelido de solteira e raramente usava o meu – acrescentou, evitando o olhar de Michowsky. – Os pais dela não estavam, como dizer, satisfeitos com a etnia do marido que escolheu.

– Oh, lamento muito; não sabia – respondeu rapidamente Michowsky.

Enrique encolheu os ombros e continuou a olhar para longe, enquanto os seus olhos se marejavam novamente de lágrimas.

– Ela não estava ali antes – disse por fim. – É impossível que ela estivesse ali quando eu fui passear o cão. Cheguei a casa do trabalho, levei o *Buster* a passear, mas ela... não estava ali.

– Nós sabemos – respondeu Michowsky, num tom gentil. – Há provas que apontam para esse facto. Foi trazida para aqui muito recentemente.

– Quando foi que ela morreu? Talvez se eu tivesse...

– Senhor Ramos, não há nada que pudesse ter feito – interrompeu Michowsky. – Nada. Ela morreu ontem.

– Oh, Deus... – A sua respiração estremeceu, escapando-lhe do peito num soluço. Então, forçou algum ar a entrar-lhe de novo nos

pulmões e ergueu os olhos ao encontro dos de Michowsky. – Foi exatamente ali que ela o viu, sabe?

– Viu quem? – perguntou Michowsky.

A detetive Buchanan passou-lhe um dossiê aberto.

– O homem com a corda. Já havia uma investigação aberta neste endereço antes mesmo de ela ter desaparecido.

Michowsky ergueu os olhos da pasta e olhou para Enrique.

– Poucos dias antes de desaparecer, a minha mulher viu um homem ali atrás. Mas não foi a única vez que o viu. Primeiro, viu-o no parque de estacionamento do escritório, quando estava a sair do trabalho. Pensou que era só um tarado qualquer. Mas, depois de ela o ter visto no nosso jardim, chamámos a polícia. Ninguém fez nada. Agora, ela está morta.

Michowsky começou a ler o relatório no ficheiro de Buchanan, mas decidiu não o fazer.

– Pode dizer-me exatamente o que foi que ela viu?

Enrique pigarreou e fungou baixinho.

– Ele estava ali, atrás daqueles arbustos. Tinha um pedaço de corda nas mãos cerradas, como se estivesse a preparar-se para estrangular alguém. Lembro-me de ela ter dito que a corda estava enrolada várias vezes à volta dos punhos. Estava a olhar diretamente para ela. Ficou aterrorizada. Gritou, mas, quando eu cheguei cá fora, ele tinha desaparecido.

Michowsky virou-se para Buchanan.

– Temos um esboço? Qual era o aspeto dele?

– Nada. A senhora Trask não lhe viu a cara – respondeu ela, soando um pouco defensiva. – Não tínhamos nada com que continuar. Mas registámos a queixa.

– Disse que só consegui ver as mãos e a corda. Manteve o rosto escondido na escuridão. – Enrique soltou um suspiro fundo, despeçado, antes de continuar. – Ele estrangulou-a, não foi?

Michowsky desviou o olhar por uma fração de segundo.

– Saberemos mais quando a autópsia estiver concluída. Por favor, senhor Ramos, cuide de si e do seu filho, e faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para apanhar o homem que matou a sua esposa.

Enrique não pareceu convencido, mas baixou a cabeça e virou-se para a casa.

– Só mais uma coisa – disse Michowsky, pegando no telemóvel.

– Era esta a aliança dela?

O jovem olhou para a foto durante menos de um segundo.

– Não, de todo. Ela usava a aliança todos os dias. Era um anel de ouro grosso com três diamantes. Nunca vi este anel.